



Voz da Fátima

Director:
PADRE LUCIANO GUERRA
Ano 67 — N.º 804 — 13 de Setembro de 1989

Redacção e Administração
SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX
Telef. 049/52122 — Telex 42971 SANFAT P

ASSINATURAS INDIVIDUAIS
Portugal e Espanha 200\$00
Estrangeiro (via aérea) 350\$00



Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — PUBLICAÇÃO MENSAL — AVENÇA — Depósito Legal n.º 1673/83

QUEM PODE PERDOAR PECADOS?

Dentro do tema geral deste ano («Reconciliai-vos com Deus»), o sub-tema para este mês de Setembro será tirado de um texto de S. João, fundamental para a compreensão da mediação da Igreja no perdão dos pecados: «Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados» (João 20, 23).

No Antigo Testamento havia já a convicção muito arraigada de que só Deus pode perdoar pecados: basta ver como se escandalizaram os escribas, que eram os teólogos de então, quando Jesus, querendo responder ao pedido de cura que lhe fazia um paralítico, disse simplesmente: «Os teus pecados são-te perdoados» (Mt 9, 2). Na realidade, sendo o pecado uma transgressão da Lei impressa no coração do homem por Deus, para a harmonia perfeita da vida social e do universo, sempre acaba por atingir a honra do autor de tal lei, e por isso nenhum pecado, mesmo aquele que aparentemente só atinge o nosso irmão, está suficientemente perdoado enquanto sobre ele não recair o perdão do próprio Deus. Só Deus pode, pois, perdoar pecados, e se Cristo os perdoou também é porque Ele tem em Si a plenitude de Deus.

Afastado o escândalo relativamente a Cristo, surge um outro relativamente à Igreja: será que a Igreja tem também o poder de perdoar pecados? Será que o seu poder, a existir, é o mesmo de Deus?

Compreende-se, da parte do homem que alguma vez na vida, ou muitas vezes, caiu em situações de pecado grave, a dificuldade em admitir este poder na Igreja, não pelo bem, o perdão, que tal faculdade lhe possibilita, mas pelo incómodo que ela traz consigo. É que, na fé da Igreja, e tratando-se de pecados graves cometidos depois do baptismo, não basta a fé e o arrependimento dos pecados, como no caso do primeiro sacramento, mas é necessária a confissão; ora confessar-se de um pecado grave, mesmo que a um sacerdote, e na intimidade do segredo sacramental, e mesmo que o sacerdote não seja conhecido, é na realidade um incómodo, muitas vezes uma humilhação. A Igreja esforça-se por preparar os seus ministros com todo o cuidado para a administração do perdão, de modo que o penitente possa como que sentir naquele a quem se confessa, a bondade e a misericórdia do Senhor, que aos seus discípulos ensinou a perdoar até setenta vezes sete. Mas a realidade permanece; e não custa a admitir que uma parte razoável dos católicos deixe de praticar por causa deste incómodo.

Será que o Senhor nos quis mesmo, e só, incomodar com esta mediação necessária da Igreja, relativamente aos pecados graves? Partindo do princípio de que o sacramento é um dom de misericórdia, nascido no Coração de Cristo Redentor, temos de buscar-lhe razões positivas, já que tudo o que Deus faz é bem feito. E talvez que uma das principais seja a de podermos assim ouvir com os nossos ouvidos a palavra do perdão divino. Numa sociedade de consciências poluídas e de solidão como a nossa (em que as pessoas chegam a escrever-se a si mesmas para se sentirem em sociedade!) é importante redescobriremos a importância da «confissão» como meio de desabafo e de comunhão. Confessar-se a alguém que nos compreende, mesmo que nos não aprove, é já um bem; confessar-se a alguém que, além disso, nos perdoa, é um bem muito maior; e se desse alguém podemos ouvir uma palavra que nos transmita a plenitude do perdão, o perdão de Deus, então o acto de confissão resulta maximamente libertador. A questão está em não naturalizar o sacramento, em comparações erradas com situações humanas de outras confissões, juízos ou tribunais, mas procurar vê-lo à luz da fé que nos situa no amor e nas disposições de Cristo Salvador. Como também é necessário não deformar a devoção do sacramento até ao ponto de fazermos obrigação daquilo que é simplesmente devoção. O novo Código de Direito Canónico tem o cuidado de explicar que mesmo a confissão anual só é obrigatória para aqueles que tiverem cometido pecado grave (cn. 989). Não duvidamos de que a renovação da Igreja passa pela frequência deste sacramento, mas só aqueles que o tenham compreendido como um dom do amor e da misericórdia do Senhor, para um serviço mais puro de Deus e dos irmãos. É nesta perspectiva que deveremos ler a recomendação da Igreja para uma frequência assídua do sacramento, assim como o pedido de Nossa Senhora em Fátima para que nos confessemos ao menos cinco vezes no ano.

P. LUCIANO GUERRA

PEREGRINAÇÃO DE AGOSTO

Coragem em professar a própria fé

A peregrinação de 12 e 13 de Agosto ao Santuário de Fátima, subordinada ao tema «coragem em professar a própria fé», foi o ponto culminante da XVII Semana Nacional das Migrações. As celebrações foram presididas pelo Cardeal Albert Decourtray, Arcebispo de Lyon e Presidente da Conferência Episcopal Francesa.

A bênção das velas, terço e procissão, seguida da celebração eucarística, presidida por D. Aurélio Granada Escudero, Bispo de Angra, foram alguns dos actos que reuniram maior número de peregrinos na noite do dia 12.

«Ponde as vossas esperanças não apenas nos bens temporais, necessários, sem dúvida, e que, em muito, justificam a vossa saída para o estrangeiro, mas que não podem ser a vossa única aspiração, já que sois chamados a coisas mais altas, como filhos de Deus», afirmou D. Aurélio Granada, dirigindo-se particularmente, durante a sua homilia, ao elevado número de emigrantes presentes nas celebrações desta peregrinação.

«Proucurai, também, valorizar-vos sempre mais, para bem orientar a vossa vida, defender honestamente os vossos direitos, sem, contudo, espeznhar ninguém nem vos deixardes esmagar por

quem quer que seja».

A terminar a sua homilia, D. Aurélio fez um veemente apelo à integração dos emigrantes na Igreja, através dos movimentos e associações, consideradas como «meio poderoso para crescer na formação e na fé, e para os jovens e adultos melhor resistirem à sedução do álcool, da droga, da sexualidade e também ao proselitismo de movimentos religiosos e de seitas que a muitos procuram enganar».

«As seitas não têm a ver com o verdadeiro Salvador, Jesus Cristo, e muito pouco têm a ver com a religião autêntica, o cristianismo. Não passam frequentemente de ilusão, de aparente solução de problemas de consciência ou de relação com Deus: torna-se, depois, motivo de amargura a desilusão a que quase sempre conduzem».

CELEBRAÇÕES DO DIA 13

As celebrações finais da peregrinação foram presididas pelo Cardeal Decourtray.

Ao ofertório da missa, mais de quinhentos peregrinos subiram as escadarias, junto ao altar do recinto, com sacos de trigo, dando, assim, vida a uma

tradição da peregrinação do mês de Agosto que remonta ao ano de 1940.

Há um ano atrás, os peregrinos ofereceram 4.635 quilogramas de trigo. Durante o ano de 1988, foram gastas no Santuário 1.084.000 partículas e 22.949 hóstias.

Durante o ofertório teve ainda lugar a realização de uma colecta a favor da pastoral das migrações que rendeu 2.508.081\$00.

HOMENAGEM AO BISPO DE LEIRIA-FÁTIMA

No final das celebrações desta peregrinação, teve ainda lugar uma homenagem ao Bispo de Leiria-Fátima, D. Alberto Cosme do Amaral, que, em 13 de Agosto, completava 50 anos da sua ordenação sacerdotal.

Na ocasião, o Reitor do Santuário, Mons. Luciano Guerra, ofereceu uma imagem de Nossa Senhora àquele prelado, gesto que foi saudado pelos peregrinos com uma salva de palmas.

D. Alberto, que completou os 25 anos de ordenação episcopal no dia 23 de Agosto, nasceu em 12 de Outubro de 1916, em Touro, Vila Nova de Paiva, e é Bispo de Leiria desde há 17 anos.

A Igreja em Peregrinação

Da homilia proferida pelo Cardeal Arcebispo de Lyon e Presidente da Conferência Episcopal Francesa, transcrevemos algumas das partes mais significativas.

Aqui, junto de Nossa Senhora de Fátima, tendo presentes todos os portugueses, em particular aqueles que residem em França e nos países vizinhos, quero acentuar alguns aspectos da vossa peregrinação.

SINAL DA IGREJA UNIVERSAL

É a comunhão entre nações diferentes que é o ideal ao qual os cristãos devem aspirar. Portugal tem sem dúvida uma missão, uma graça especial para fazer avançar a civilização neste sentido dum «civilização do Amor», como dizia Paulo VI.

Estão aqui presentes nesta grande peregrinação, portugueses residentes em Portugal, que vieram orar à Virgem. Alguns acompanham os membros da sua família, que passam as férias no seu país.

Na verdade, vós todos representais aqui o mundo inteiro: esta assembleia é um sinal privilegiado da Igreja Universal e da Igreja Católica.

MENSAGEM DE FÁTIMA

É a este grande encontro que a mensagem de Fátima vem trazer uma luz viva e, ao mesmo tempo, pacificadora.

A sua actualidade está bem evidente quando nós consideramos os acontecimentos destes últimos meses e em particular o que se passa em certos países como a Rússia, Polónia e Hungria.

Nós hoje vemos melhor como a mensagem de Fátima diz respeito aos homens do nosso tempo, em toda a parte do mundo, incluindo a China, cujos dramas recentes podem ser interpretados como os sobressaltos anunciadores dum era nova de verdadeira liberdade, de verdadeira justiça e de verdadeira paz.

É pela vida, pela acção e pela oração de homens profundamente convertidos ao Evangelho, a Jesus Cristo, que se pode realizar a verdadeira mudança do mundo, a única revolução que não engana. É graças aos corações consagrados a Deus, graças à consagração à qual Jesus nos chama e pela qual ele nos une a Deus, que pode vir a paz ao mundo.

CONSTRUÇÃO DA EUROPA

Ao dizer isto, eu tenho em mente todos os povos do mundo. Porém, não vos admireis se, em primeiro lugar, eu penso na Europa, e na sua construção.

A construção da Europa está em marcha, e o povo português, como os outros povos comprometidos pelo «Acto Único», é chamado a tomar o seu lugar nesta realização histórica. Mas que Europa queremos nós e vamos nós construir?

Nós sabemos bem que para construir a Europa do ano 2.000 são precisos muitos técnicos e economistas, muitos homens políticos de valor. Mas que catástrofe se abateria sobre nós se estes técnicos, estes economistas, estes responsáveis políticos, arrastados pela sede dos interesses materiais e da eficácia técnica, esquecessem o que é primordial, ou seja, a qualidade da relação entre os homens, e a profundidade espiritual da pessoa, na qual «o homem ultrapassa infinitamente o homem», como diz um grande pensador francês!

Vós podeis e deveis contribuir para fazer crescer na Europa de amanhã este respeito pelo que há de mais humano no homem, pela imagem de si mesmo que Deus imprimiu no mesmo homem, ao criá-lo, e que nele restaurou, ao salvá-lo, por seu Filho nascido da Virgem Maria, morto e ressuscitado.

O povo português recebeu, no plano das relações entre os homens e do respeito pelo outro, dons naturais excepcionais. Vós herdastes dos vossos antepas-

sados, da vossa família, de toda a vossa cultura, qualidades raras para viver em harmonia uns com os outros, na paz e ao mesmo tempo na alegria, em toda a parte onde vos encontráreis, até mesmo nos momentos difíceis.

Não deixeis perder esta riqueza, ligada à vossa identidade portuguesa! A Europa, que tem necessidade de alta técnica, tem ainda mais necessidade de alta humanidade! Digo-vos isto para que saibais quanto ela tem necessidade de vós!

COMUNIDADES CRISTÃS, ESPAÇOS DE PARTILHA DA FÉ

Mas para guardardes a vossa identidade, estando no entanto cada vez mais próximos dos povos no meio dos quais estais dispersos, e para crescerdes sempre numa fé viva, sem vos deixardes arrastar nos materialismos de toda a espécie que comprometem o desenvolvimento humano da Europa, é necessário que, longe do vosso país de origem, organizeis verdadeiras comunidades cristãs onde possais encontrar-vos como cristãos portugueses, verdadeiramente irmãos de outros cristãos não portugueses.

Três milhões e quinhentos mil portugueses estão dispersos em todos os continentes, dos quais um milhão e seiscentos mil na Europa.

O voto dos vossos bispos e de todos os bispos da Europa unidos ao Santo Padre, o Papa, é que vivais a vossa fé cristã, que sejais testemunhas de Cristo e membros vivos da sua Igreja, onde quer que estejais.

Se vos convidamos com tanta insistência para esta missão, e estamos decididos a ajudar-vos cada vez mais, é, em primeiro lugar, por causa da vossa vida de homens e de crentes, mas é também porque o papel tão importante que tendes a desempenhar na construção da Europa, e ao serviço da paz no mundo, depende da vossa fidelidade à vossa vocação de cristãos portugueses.

Se não vos tornardes como crianças...

No dia 13 de Maio de 1989, no 72.º aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos, ao iniciar-se a celebração solene, presidida pelo Sr. Cardeal Arcebispo de Boston, D. Bernard Francis Law, o Bispo de Leiria-Fátima anunciou que o Papa João Paulo II acabava de assinar o decreto de Heroicidade de Virtudes dos Servos de Deus Francisco e Jacinta Marto, concedendo-lhes, assim, o título de «veneráveis».

Do boletim «Videntes de Fátima», 3-4, Maio/Agosto, 1989, transcrevemos, na íntegra, nesta edição da «Voz da Fátima», a tradução portuguesa do decreto referente a Jacinta Marto.

O título e subtítulos são da responsabilidade da redacção da «Voz da Fátima».

Congregação para as Causas dos Santos
Decreto acerca da Canonização da Serva de Deus
Jacinta Marto
menina (1910-1920) da Diocese de Leiria-Fátima

Sobre a dúvida

Acerca da existência em grau heróico das virtudes teologais da Fé, da Esperança e da Caridade para com Deus e para com o próximo e também das virtudes cardeais da prudência, justiça, temperança e fortaleza e suas afins, no caso e para o efeito pretendido.

Participação na vida e na missão da Igreja

«Se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, não entrareis no reino dos céus» (Mt. 18,3).

Com estas palavras «Jesus exalta o papel activo que as crianças têm no reino de Deus; são o símbolo eloquente e a esplêndida imagem daquelas condições morais e espirituais que são essenciais para entrar no Reino de Deus e para viver a sua lógica de total entrega ao Senhor. Deve reconhecer-se, além disso, que também à idade da infância e da adolescência se abrem preciosas possibilidades operativas tanto para a edificação da Igreja como para a humanização da sociedade» (João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christifideles laici*, n.º 47, do dia 30 de Dezembro de 1988). Com efeito, as crianças, como participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo são chamadas a ter parte na vida e na missão da Igreja e, segundo as suas próprias forças, podem ser verdadeiras testemunhas do Senhor Jesus (Cf. Conc. Ecum. Vat. II, Decreto sobre o Apostolado dos Leigos *Apostolicam Actuositatem*, 12).

Jacinta correspondeu sem reservas

Tal missão, que se fundamenta no sacramento do Baptismo, foi também admiravelmente realizada pela menina Jacinta Marto, a qual, correspondendo sem reservas à graça divina, atingiu rapidamente uma grande perfeição na imitação de Cristo e voluntariamente consumiu a sua breve existência a dar glória a Deus e a cooperar na salvação das almas através duma oração fervorosa e duma assídua penitência.

A Serva de Deus, sétima filha do casal Manuel Pedro Marto e Olímpia de Jesus dos Santos, nasceu no lugar de Aljustrel, paróquia de Fátima, em Portugal, no dia 11 de Março de 1910. No dia 19 do mesmo mês recebeu a graça do Baptismo.

Os seus pais, que eram humildes agricultores e piedosos cristãos, deram-lhes uma sã educação moral e religiosa. Aprendeu a doutrina cristã na família e na catequese que a tia materna Maria Rosa dos Santos ensinava às crianças da povoação. Segundo

o costume, não frequentou qualquer escola, uma vez que tal não existia na povoação e quando tais escolas foram instituídas Jacinta já estava doente.

Modelo de humildade, mortificação e generosidade

Desde tenra idade mostrou o gosto pela oração, a preocupação pelas verdades da fé, prudência na escolha das amizades e um sereno espírito de obediência. De índole vivaz, expansiva e alegre, gostava de brincar e bailar; cativava a simpatia dos outros, se bem que tivesse certa inclinação a dominar e a não ser contrariada tanto que facilmente amuava e era ciosa do que lhes pertencia. Todavia, depois mudou completamente e tornou-se um modelo esplêndido de humildade, de mortificação e de generosidade.

Logo que pôde, começou a trabalhar; em particular foi encarregada de acompanhar o irmão Francisco, um pouco mais velho do que ela, no pastoreio do rebanho. Ambos gostavam de se juntar com a prima Lúcia de Jesus dos Santos, que era também pastora de ovelhas. Deste modo as três crianças, unidas por uma grande amizade, passavam o dia inteiro nesta actividade, que, apesar de custosa, eles executavam diligentemente e com prazer, porque lhes deixava tempo para brincar e para rezar e lhes permitia usufruir das belezas da natureza.

O que inesperadamente lhes mudou a vida, deu-se no ano de 1916: eles disseram ter visto três vezes um anjo que os exortava a rezar e a fazer penitência pela remissão dos pecados e para obter a conversão dos pecadores. A partir deste momento, a pequena Jacinta aproveitava todas as ocasiões para fazer o que o anjo lhe pedira.

Desde o dia 13 de Maio até ao dia 13 de Outubro de 1917, juntamente com Francisco e Lúcia, teve o privilégio de ver várias vezes a Virgem Maria no lugar chamado Cova da Iria, perto de Fátima. Cheia de alegria e gratidão pelo dom recebido, quis imediatamente responder com todas as forças à exortação da Virgem Maria que lhes pedia orações e sacrifícios em reparação dos pecados que ofendem a Deus e o Imaculado Coração de Maria e pela conversão dos pe-

cadros. Ao mesmo tempo dócil à acção da graça, separou-se das coisas terrenas, a fim de se voltar para as coisas celestes e voluntariamente consagrou a sua vida para entrar um dia no paraíso. Estava constantemente mergulhada na contemplação de Deus, em colóquio íntimo com Ele. Procurava o silêncio e a solidão e de noite levantava-se da cama para rezar e livremente expressar o seu amor ao Senhor. Em pouco tempo, a sua vida interior se notabilizou por uma grande fé e por uma enorme caridade. A propósito disto dizia: «Gosto tanto de Nosso Senhor! Por vezes julgo ter um fogo no peito, mas que não me queima». Gostava muito de contemplar Cristo Crucificado e comovia-se até às lágrimas ao ouvir a narração da Paixão. Então afirmava já não querer cometer pecados para não fazer sofrer Jesus. Alimentou uma ardente devoção à Eucaristia, que visitava frequentemente e durante longo tempo na igreja paroquial, escondendo-se no púlpito, onde ninguém a pudesse ver e distrair. Desejava alimentar-se do Corpo de Cristo mas isso não lhe foi permitido por causa da idade. Encontrava contudo consolação na comunhão espiritual. De igual modo honrou a Virgem Maria, com um amor terno, filial e alegre e constantemente correspondeu às suas palavras e desejos; muitas vezes honrava-a com a recitação do rosário e com piedosas jaculatórias.

Sabia que era um membro vivo da Igreja

Embora de tenra idade, a Serva de Deus sabia bem que era um membro vivo da Igreja e, como tal, tinha o dever de contribuir segundo as suas forças para o seu crescimento e prosperidade. Por isso oferecia cuidadosamente orações e sacrifícios pelo Sumo Pontífice, pela salvação das almas e pela conversão dos pecadores. Já durante as aparições da Virgem ela pôde associar-se à paixão do Senhor. Com efeito, não poucos sofrimentos lhe foram causados por aqueles que duvidavam ou não acreditavam serem verdadeiras as aparições; chamavam-na mentirosa e fraudulenta; foi inclusivamente açoitada e durante alguns dias metida na prisão. Suportou tudo isto em silêncio, alegre por completar na sua carne o que falta aos sofrimentos de Cristo a favor do seu Corpo que é a Igreja (Cf. Col. 1, 24). Resistiu com admirável força e paciência às ameaças e promessas lisonjeiras da autoridade Municipal que a todo o custo queria proibi-la de frequentar a igreja paroquial e pretendia conhecer o «segredo» revelado pela Virgem Maria às três crianças. Em seguida suportou a dificuldade de falar com muitas pessoas, que se dirigiam a Fátima, movidas pela piedade ou

por uma importuna curiosidade. Efectivamente, em semelhantes casos, apesar de preferir permanecer escondida, fez quanto lhe era possível.

Sacrifício pela conversão dos pecadores

Além de tudo isto, suportou muitas outras coisas espontaneamente, como se tivesse uma insaciável fome de imolação. Continha a sua vontade e a sua índole, era obediente aos pais e aos irmãos mais velhos; privava-se de alimento para o dar aos pobres; não bebia água, especialmente no calor do verão; como forma de penitência usava uma corda à volta do corpo; suportava com espírito de penitência e de oblação qualquer coisa desagradável. Expressava a sua forma de agir rezando. «Ó meu Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria».

O seu desejo de sofrer tornou-se mais notório durante a longa e grave doença que a atingiu a partir de Outubro do ano de 1918. Contaminada pela epidemia bronco-pulmonar, a que chamavam «espanhola», o seu estado de saúde agravou-se a pouco e pouco de tal forma que teve de suportar a ideia de ter de ser operada. Sabendo que lhe restava pouco tempo de vida, multiplicou os sacrifícios, as penitências e as privações de forma a cooperar até ao máximo das suas possibilidades na obra da Redenção. Porém o que lhe custou mais foi o ter de deixar a família a fim de ser tratada num hospital. Prevendo morrer sozinha, isto é, longe dos seus queridos familiares, disse: «Ó meu Jesus, agora podes converter muitos pecadores, porque este sacrifício é muito grande!».

Faltando-lhe as forças do corpo, a sua alma tornava-se mais bela, à medida que os dias iam passando, através do exercício resolutivo, constante, alegre e perfeito das virtudes cristãs. Com efeito foi completa a sua entrega à vontade de Deus. Não só nunca lhe faltou o esforço para retribuir ao Senhor, para responder às suas graças e para evitar qualquer espécie de pecado, mas antes, aumentava cada vez mais; mesmo nas circunstâncias adversas e difíceis testemunhou possuir em alto grau as virtudes teologais e as virtudes da prudência, da justiça, da fortaleza, da temperança, da humildade, da sinceridade e da modéstia. Bem apropriadas parecem ser por isso as palavras da Sabedoria: «Em breve tempo cumpriu uma longa vida» (Cf. Sab. 4, 13).

Alcançou a meta dos seus desejos

No dia 20 de Fevereiro do ano de 1920 pediu os Sacramentos. Apenas recebeu o Sacramento da Penitência: consciente de estar próxima da morte, pediu o Sagrado Viático, mas o sacerdote, não obstante as insistências da Serva de Deus, adiou-o para o dia seguinte.

Naquele mesmo dia à noite, longe dos pais e dos conhecidos, morreu no hospital de Lisboa, onde desde há algum tempo se encontrava internada. Alcançara finalmente a meta dos seus desejos: a vida eterna.

O povo, que já a considerava santa, passou a manifestar-lhe imediatamente espontâneos sinais de veneração. O seu corpo foi sepultado em Vila Nova de Ourém e depois trasladado para o cemitério de Fátima e por fim para o santuário construído no local onde a Virgem Maria lhe aparecera. No ano de 1946, em virtude da fama de santidade e das graças pela qual a Serva de Deus se tornara conhecida, realizaram-se os primeiros passos para iniciar a Causa de canonização juntamente com a do irmão Francisco, que morrera santamente no ano de 1919. O processo informativo Ordinário foi instituído na Cúria Episcopal de Leiria, a partir do ano de 1952 até ao ano de 1979; foi também celebrado o Processo rogatorio em Coimbra, para ouvir o testemunho de Lúcia, que se tornara Carmelita.

Exarada a posição acerca das virtudes pelo Rev.º Padre Paulo Molinari, Postulador Geral da Companhia de Jesus e desta Causa Postulador legitimamente constituído, no dia 16 de Dezembro do ano de 1988, realizou-se, com parecer favorável, o Congresso Especial dos Teólogos Consultores, presidido pelo Promotor da Fé, Mons. António Pretti. Os Cardeais e Bispos na Congregação Ordinária de 18 de Abril do ano de 1989, tendo como Proponente da Causa o Senhor Cardeal Eduardo Gagnon, reconheceram que a menina Jacinta Marto tinha praticado em grau heróico as virtudes teologais, cardeais e afins.

Feita, por fim, a relação de todos estes factos ao Sumo Pontífice João Paulo II, através do abaixo-assinado Cardeal Prefeito, Sua Santidade ouvindo de bom grado os desejos da Congregação para as Causas dos Santos, ordenou que o Decreto acerca das virtudes heróicas da Serva de Deus fosse devidamente exarado.

Feito isto e convocados no mesmo dia os mesmos Cardeais Prefeito da Congregação e Proponente da Causa e eu Bispo Secretário e os que segundo o costume são convocados, na presença de todos, o *Santo Padre declarou solenemente: constar que a Serva de Deus Jacinta Marto no caso e para o efeito pretendido praticou em grau heróico as virtudes teologais da Fé, Esperança e Caridade para com Deus e para com o próximo, bem como as Virtudes Cardeais da prudência, justiça, temperança, fortaleza e suas afins.*

Publiquei este Decreto e mandei-o exarar em acta da Congregação para as Causas dos Santos.

Dado em Roma, a 13 de Maio do Ano do Senhor de 1989

Angelus Card. Felici
praefectus

UM MAR DE JOVENS EM COMPOSTELA

Preparativos

Passava das onze da noite de sexta-feira, 18 de Agosto, quando chegou a Santiago de Compostela o comboio especial que transportara de Lisboa à volta de 900 jovens.

Para trás ficava uma viagem cheia de belas paisagens e de uns primeiros contactos entre os peregrinos, não propriamente a apalpar as convicções do outro, já que todos se conheciam como tendo feito uma caminhada de preparação, mas sim para vencer a natural cortina de timidez que vem da infância e nunca nos deixará.

O senhor Cardeal-Patriarca esperava os seus jovens na estação do caminho de ferro, caminhando à sua frente, naqueles longos sete ou oito quilómetros que os separavam do acampamento onde encontrariam uma tenda de abrigo, com um solo encharcado das chuvas recentes.

Na cidade, até pela madrugada, grupos das mais distantes proveniências cantavam, saltavam, batiam palmas. As ruas de Santiago estavam livres para os jovens: longas arcadas, ruas estreitas, pavimentos de lajedo, automóveis fora, uma cidade medieval.

No sábado de manhã, toda a cidade era como a bacia de um grande rio, desfazendo-se em imensas torrentes, rios e regatos de gente, a caminho do «Monte do Gozo».

O Monte do Gozo é como um pequeno vale que se alarga suavemente sobre três encostas e converge para um fundo, onde o altar das celebrações encontrou um pouso ideal. Medido a olho, daria três ou quatro vezes o recinto do Santuário de Fátima, com portanto uns duzentos mil metros quadrados.

Os hospedeiros dos jovens cristãos fizeram o que puderam para os receber

com dignidade. Contrataram uma firma nórdica para a instalação sonora, que estava perfeita; varreram todo o mato do monte, até à terra negra; implantaram focos potentes de iluminação; disseminaram por todo o campo grupos de instalações sanitárias móveis; e tentaram mesmo semear de relva toda aquela enorme superfície negra, o que teria simplificado muito a lavagem da roupa se não acontecesse este longo Verão de 1989, sem uma pinga de água, desde a Primavera. Mas vá-lá vá-lá que, na noite de sábado para domingo, um forte orvalho bíblico desceu sobre os poucos espaços livres dos sacos de dormir e abateu o pó que na tarde anterior algumas vezes chegava a toldar a vista no acampamento. Tudo providencial; os jovens passaram uma noite difícil, como convinha a peregrinos, e a Eucaristia do dia principal encontrava um ambiente físico e humano muito calmo, muito diferente da noite anterior.

O grande jogo da noite com o Papa

Era ainda dia quando Sua Santidade chegou ao grande palco do monte, uma enorme tenda assente em estruturas de andaime. Dois grandes ecrãs, em lugares estratégicos, deixavam ver o Papa, que na noite parecia uma coisita branca dentro de um dossel pouco maior.

O Papa falou, por três ou quatro vezes, sempre a seguir a uma encenação respeitante a cada palavra do tema bíblico da peregrinação «Caminho, Verdade e Vida». Não tendo podido participar mais que na primeira parte, sou forçado a ficar-me por impressões que bem poderiam ter evoluído se fi-

casse até ao fim.

A alguns participantes ouvi dizer que fora maravilhoso; a outros que o Papa sim, mas o jogo cénico não. E quem tem a ousadia de arvorar-se em juiz de um tal acontecimento, tão complexo, tão difícil e de qualquer modo tão cheio de dificuldades? Basta pensar no problema das línguas, que nós conhecemos bem no Santuário de Fátima.

É possível que pudesse ter havido mais participação dos jovens; em pouco mais palavras também se poderiam anunciar outros oradores que precederam o Santo Padre, como o cardeal Pirónio e alguns leigos, de modo a ajudar os jovens a descobrir que, para além do personagem principal, outros testemunhos, menores mas não despididos, existem na Igreja e nos podem ajudar na caminhada para Cristo. Talvez também a outros parecesse que o festival se conduzia demasiado pelos sons e ritmos da vida moderna.

Não me arrisco a chamar-lhe um festival rock, até porque posso não saber muito bem o que é isso; mas admito que este imenso movimento de redescoberta do coração, iniciado pelo Papa, venha a produzir outro género de música, menos batida, menos ritmada, menos corporal, que em lugar de incitar à dança, incite à concentração, e em lugar de descansar o sistema nervoso pela descarga física, o descansa pela subida, o voo mesmo, até às paragens superiores onde o homem é mais feliz, por se descobrir nos seus mais altos valores.

Assim poderá a noite ter sido menos profunda, e poderá também tê-lo sido mais precisamente por o jogo cénico e as suas músicas permitirem aos jovens, muitos deles cansados, repousar do enorme esforço necessário, particularmente às muitas dezenas de milhares de outros países, estes «atentos» às intervenções do Santo Padre.

blica que serviu de tema à peregrinação:

A fé cristã afirma um vínculo profundo entre amor e vida.

Cristo, queridíssimos jovens, é o único interlocutor válido, a quem podeis fazer as perguntas essenciais sobre o valor e o sentido da vida: não só da vida sã e feliz, mas também da que é agravada pelo sofrimento, marcada por alguma deficiência física, ou qualquer incómoda situação sócio-familiar. Sim, Cristo é o único interlocutor válido...

O sentido da vida. Ele vo-lo dirá, está no amor. Só quem sabe amar perfeitamente e se esquece de si mesmo para dar ao irmão, realiza de forma plena a própria vida e exprime em grau máximo o valor da própria recompensa terrena. É o paradoxo evangélico da vida que se resgata perdendo-se (cf. João 12, 25), um paradoxo que encontra a sua iluminação plena no mistério de Cristo morto e ressuscitado por nós.

Quero recordar aqui, de modo particular, as 400 jovens religiosas de vida contemplativa de Espanha, que me manifestaram o desejo de estar presentes neste santuário. Sei com certeza que estão muito unidas a nós através da oração e do silêncio dos seus claustros. Há sete anos, muitas delas assistiram ao encontro que tive com os jovens no estádio Santiago de Barnabéu, em Madrid.

Depois, respondendo generosamente ao chamamento de Cristo, seguiram-No para toda a vida...

Muitas vezes fala-se hoje à nossa volta de linguagem diferente da de Cristo, propondo modelos de comportamento que, em nome da sua «modernidade» cheia de «complexos» e de «tabus» — como costuma dizer-se — reduzem o amor à simples

experiência de prazer pessoal ou no mero prazer sensual. A quem olhar, com olhos livres de preconceitos, este género de relações, não será difícil descortinar, por trás da aparência das palavras, a enganosa realidade de uma posição egoísta que olha antes de mais ao próprio proveito.

O próprio filho, que deveria ser o fruto vivo do amor dos pais que nele encarna e de certo modo se perpetua, acaba por ser sentido como *uma coisa* que se tem direito de pretender ou recusar, segundo o próprio estado de ânimo subjectivo.

RESPOSTA AO CHAMAMENTO DE CRISTO

«Chegou a hora de empreender uma nova evangelização» (Exortação sobre os leigos, n.º 34); e vós não podeis faltar a este chamamento. Neste lugar, dedicado a Santiago, o primeiro Apóstolo que deu testemunho de fé com o martírio, comprometemo-nos a acolher o mandamento de Cristo: «sereis minhas testemunhas... até aos confins da terra» (Act 1, 8).

Apesar das maravilhosas possibilidades oferecidas à humanidade pela tecnologia moderna, existe ainda muita pobreza e miséria no mundo. Em numerosas regiões da terra as pessoas vivem ameaçadas pela violência, pelo terrorismo e também pela guerra. O nosso pensamento dirige-se para o Líbano e para outros países do Médio Oriente, assim como para todos os povos e regiões onde há guerra e violência.

É uma necessidade urgente poder contar com enviados de Cristo, mensageiros cristãos; e vós, jovens, todos, rapazes e raparigas, sereis no futuro esses enviados e mensageiros.

Maria, com o seu «fiat», abriu um caminho novo à humanidade. Ela, pela aceitação e entrega total à missão de seu filho, é o protótipo de toda a vocação cristã. Ela caminhará conosco, será nossa companheira de viagem, e, com o seu auxílio, podemos seguir a vocação que Jesus Cristo nos oferece.

Caminho, Verdade e Vida

O CAMINHO

Extraímos da primeira parte da intervenção de João Paulo II, na noite de 19, as seguintes frases que traduzimos do texto espanhol.

Para nós, tal como para os peregrinos que nos precederam em épocas passadas, este caminho exprime um profundo espírito de conversão. Um desejo de regressar a Deus. Um caminho de purificação e de penitência, de renovação e de reconciliação.

Por isto, para todos nós, como para os peregrinos que nos precederam, é muito importante que o caminho termine num encontro com o Senhor, através dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia. Sei que muitos de vós os recebestes ao longo destes dias.

Vimos representadas, de forma muito expressiva, algumas das coisas que frequentemente muitos homens se colocam como meta da sua vida e acção: o dinheiro, o êxito, o egoísmo, o bem-estar. Mas os jovens peregrinos em cena reconheceram que, a longo prazo, nada disto satisfaz o homem. Estas coisas não são capazes de encher o coração humano.

A tradição espiritual do cristianismo sublinha não só a importância da nossa busca de Deus, mas faz ressaltar uma coisa ainda mais importante: *É Deus quem nos procura* a nós, é Ele que nos vem ao encontro. (Longos aplausos dos jovens, que não cessavam de bater palmas, sempre que alguma frase lhes tocava mais o coração).

Este encontro com Deus realiza-se em Jesus Cristo. N'Ele,

que deu a vida por nós, na Sua humanidade, é que experimentamos o amor que Deus nos tem: «Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (João 3, 16).

Deus chama-nos, e o seu chamamento realiza-se através da pessoa de Jesus Cristo que nos diz, como disse aos apóstolos: «Vem e segue-me». Ele é o caminho que nos conduz ao Pai.

Mas temos de reconhecer que não possuímos nem a força nem a constância nem a pureza de coração suficientes para seguir a Deus em toda a nossa vida e com todo o nosso coração. *Peçamos a Maria, Ela que foi a primeira a seguir o caminho de seu Filho, que interceda por nós.*

A VERDADE

Eis algumas das expressões de João Paulo II que nos pareceram mais significativas:

No decorrer da representação cénica, ouvimos três respostas que o mundo dá às questões sobre a verdade. *A primeira consiste em pôr todo o ardor na satisfação imediata dos nossos sentidos...* A isto responderam os peregrinos: Divertimo-nos, mas continuamos a caminhar no vazio.

A segunda resposta é a dos violentos que põem os seus interesses no poder e no domínio sobre os outros.

A terceira resposta, dada pelos toxicómanos, é a busca da habituação e do desenvolvimento completo das pessoas, na fuga à

realidade... Em lugar de os conduzirem à liberdade, estes caminhos levam-nos à escuridão e à auto-destruição...

Queridos jovens, existe também uma contaminação das ideias e dos costumes que pode conduzir à destruição do homem. Esta contaminação é o pecado, donde nasce a mentira.

«Na raiz do pecado está a mentira, como recusa radical da verdade que reside no Verbo do Pai, pelo qual se exprime a autoridade total e ao mesmo tempo o amor de Deus Pai, Criador do Céu e da terra» (Encíclica sobre o Espírito Santo, n.º 33).

«A verdade que existe no Verbo do Pai». Eis o que queremos dizer quando reconhecemos Jesus Cristo como a verdade. «O que é a verdade?», perguntou-lhe Pilatos. A tragédia de Pilatos foi que, tendo a verdade diante de si na pessoa de Jesus, não foi capaz de a reconhecer.

Tal como escrevi na Mensagem para esta Jornada Mundial da Juventude, *A Verdade é a exigência mais profunda do espírito humano.* Sobre tudo deveis sentir sede da verdade sobre Deus, sobre o homem, sobre a vida e o mundo.

Queridos jovens, busquemos a Verdade sobre Cristo e a sua Igreja!

Mas sejamos coerentes: amemos a Verdade, vivamos na Verdade, proclamemos a Verdade! Ó Cristo, *ensinaí-nos a Verdade!* Sede para nós a *única Verdade!*

A VIDA

Alguns extractos sobre o último termo da célebre trilogia bí-

A Eucaristia Final

O ambiente era outro. As músicas, diferentes. O silêncio, muito mais palpável. As posições corporais, muito mais unificadas. Numa palavra: via-se que os jovens percebiam que estavam para a Eucaristia. Talvez que o incómodo da noite tivesse ajudado. Mas eram muito raros os que ainda dormiam. Como eram ainda mais raros os que se apresentavam demasiado à vontade, no vestido ou nos gestos. Não deixou de impressionar que, nas estradas, tão poucos fossem os fumadores. Multíssimo menos, quase despercebidos, os namorados.

Alguns aproveitavam os muitos sacerdotes esparsos pela multidão para se confessarem. Por isso não consegui estar atento à homilia do Santo Padre. E como ainda não tinham saído os jornais à hora da partida de Santiago, vim de lá sem saber o que tinha dito. Admito porém que repetiu as mesmas ideias fundamentais.

Este Papa tem um sentido pedagógico muito apurado: sabe que a palavra é importante, como é importante a sua repetição. E faz como na Bíblia, num tempo aliás em que a falta de papel (papiros ou pergaminhos) poderia ter aconselhado a não repetir!

É possível que os não espanhóis tivessem sentido falta de participação. Apesar de a grande maioria serem latinos e muito poucos os de língua alemã ou mesmo inglesa. Mas os grupos tinham-se preparado bem. E muitos deles pertenciam às chamadas «Novas comunidades» e são fruto fresco e belo do Espírito Santo para a Igreja do III milénio. Uns mais «agressivos» nos seus cartazes, outros nos folhetos de publicidade, outros nos cânticos particulares, mas todos a denunciarem ideias renovadas, entusiasmos alimentados em largas reuniões, propostas de vida para todas as situações.

Gostei de ver as religiosas com os seus hábitos tão sujos como os «jeans» dos seus jovens. E as mãos e os pés, e às vezes a cara, igualmente marcados pelo pó negro do Monte Gozo.

E a sementeira ficou. Para uma Igreja mais Santa. Para uma Europa mais fiel às suas raízes. Para um mundo diferente no III milénio. Para a paz no Líbano entre cristãos e muçulmanos.

P. LUCIANO GUERRA

Movimento dos Cruzados de Fátima

CONHECER E AMAR

CINCO DIAS DE ENCONTRO

Deus quer servir-Se de ti para me fazer conhecer e amar!

No meio simples onde caiu esta frase, ela não tinha nada de estranho. A devoção a Maria é tão antiga no coração e tradição do povo português que a gente de Aljustrel achou, com certeza, natural o apelo da Mãe do Céu.

Mas as palavras da Senhora aparecida em Fátima não se destinavam só ao círculo reduzido daquela pequena povoação. Tinham um alcance muito maior. Provavelmente sem se aperceber disso, Lúcia era portadora de um imperativo do Céu para o mundo inteiro: «Deus quer...»

Porquê esta urgência de conhecer e amar Nossa Senhora? Porquê fazer porta-voz deste apelo um povo tão sinceramente devoto da Virgem Maria?

Talvez o compreendamos melhor se reflectirmos sobre esta nossa devoção. Encontramos imagens de Nossa Senhora nos altares de quase todas as igrejas portuguesas. Sabemos da solenização de festividades marianas em locais espalhados por todo o país. Conhecemos inúmeras orações e jaculatórias a Maria.

E, no entanto, pudemos perguntar-nos: o que sabem de Nossa Senhora os que lhe rezam e lhe enfeitam os altares? O que é que conhecem do perfil da primeira cristã? O que é que interiorizam do exemplo da mulher corajosa, silenciosa e fiel de que nos fala o Evangelho? Talvez cheguemos à conclusão de que, muitas vezes, a nossa devoção a Maria a íça para altares e andores onde fica quase inatingível, em lugar de a trazer para dentro dos nossos corações e das nossas vidas.

«Conhecer e amar» — mandou dizer Deus em Fátima. Só se ama o que se conhece. Por isso, temos de conhecer, primeiro, para amar com fundamento e autenticidade.

Vamos deter-nos, apenas, sobre três aspectos da personalidade de Nossa Senhora.

Coragem

Talvez fosse uma qualidade pouco feminina naquele tempo. Das mulheres

esperava-se, mais, fragilidade e submissão. A coragem era para os homens.

No entanto não há dúvida de que Maria era uma rapariga corajosa. Aguentar, de cabeça erguida e apesar dos perigos, a responsabilidade de aceitar ser mãe como narram os Evangelistas; fazer, nos primeiros meses de gravidez, absolutamente sozinha, uma viagem longa e dura, para ir ajudar a prima; dar à luz o seu filho num estábulo; mais tarde, seguir para todo o lado o polémico e controverso Jesus de Nazaré, fazer a seu lado o caminho do Calvário, mostrar-se ao povo como mãe do condenado e receber o filho morto nos braços; não arredar pé de junto dos primeiros cristãos, animando-os nos momentos de fraqueza; tudo isto são verdadeiros rasgos de coragem, que desafiavam certas pseudo-ousadias das que, hoje, fazem gala em ser diferentes.

Silêncio

Ao contrário da coragem, esta é uma característica que era seguramente melhor entendida nessa época do que o é actualmente. Hoje, temos muito para dizer, não abdicamos de nenhum direito à palavra e à opinião, resistimos dificilmente a uma boa resposta. Comentamos tudo, discutimos tudo, afirmamos e negamos com veemência, a propósito de tudo. E achamos que é assim que deve ser.

O exemplo de Nossa Senhora — para não falar do próprio Jesus — falamos de outros critérios de eficácia, de outras prioridades, de outras atitudes. É indiscutível que, através do silêncio, Maria foi mais longe na humildade, na coerência e na vida interior.

Na humildade, pela total ausência de abstenção; pelo actuar sempre com perfeição, mas sempre no escondimento; pela compreensão plena do que é a santificação das pequenas coisas.

Na coerência, por se abandonar, com confiança, em Deus, calando as dificuldades, guardando para si as dúvidas, reflectindo cada acontecimento à luz do projecto de Deus a seu respeito.

Na vida interior, porque só no silêncio se ouve a voz de Deus. As orações palavrosas são as dos que, não querendo voltar as costas à fé, também não suportam a sua exigência. É preciso coragem

para se cair diante de Deus.

Maria atreveu-se ao silêncio. Por isso fez tudo e só o que Deus queria dela.

Fidelidade

Hoje estamos demasiado agarrados ao prazer de cada momento, para conseguirmos adiar compensações. Sacrificar agora, em ordem a qualquer coisa de mais sólido é mais válido, que só virá depois, é um movimento contrário ao que se pratica à nossa volta.

Por isso, não nos comprometemos. Por isso, quando arriscamos um compromisso, somos fracos e tíbios a cumprir-lo e férteis e imaginativos em desculpas e subterfúgios.

A fidelidade transparente e total, que é adesão incondicional a um projecto, essa ultrapassa-nos e assusta-nos. Apreendemos a arredá-la dos horizontes, considerando-a um atributo dos heróis e dos santos.

Olhar para uma mulher como Maria, que aceita um compromisso aos 15 anos e o cumpre na íntegra até à morte, sem meias medidas nem águas mornas, obriga-nos a repensar o lugar que damos na nossa vida ao valor da fidelidade.

Nestes três curtos tópicos, encontramos um autêntico projecto de vida. Essa Santa Maria de quem nos dizemos devotos é esta Mulher forte. Amá-la implica conhecê-la assim, na verdade total da sua exigência de vida. Ter-lhe devoção implica reconhecer que Ela é como Deus quer e que, portanto, é urgente imitá-la.

Assim, ter devoção a Nossa Senhora não é uma pieguice, é uma escolha de exigência. Não é um sentimentalismo, é uma necessidade real de quem leva a sério o Evangelho. Não é um costume antigo, é uma opção actual. Não é uma piedadezinha facultativa, é um desafio aos fortes.

A verdadeira devoção a Maria exige juventude de espírito, radicalidade e grandeza de coração, qualidades, afinal, que são as dos cristãos de mão-chela, dos cristãos como os primeiros, que aprendiam com Maria a ser como Maria.

Dra. Maria Madalena da Fontoura

Cristo vive, hoje e aqui, entre nós!

Foi este o grito que ecoou em nossos corações jovens durante cinco dias profundamente vividos, numa atmosfera de paz, unidade, oração e encontro, em Fátima, com jovens dos Açores, Madeira, Porto, Viseu, Coimbra, Beja e Lisboa, entre 27 e 31 de Julho.

Entrámos, à procura de algo, num desejo de descoberta indefinível. E somos surpreendidos por um Cristo — tão igual que espanta, tão diferente que fascina. Entramos no Seu mistério de Ressurreição e logo sentimos vontade de continuar a caminhada, porque este Cristo não tem limites, ultrapassa-Se e ultrapassa-nos.

Descobrimos (tão devagar!) que bom é entrar em contacto com Ele, rezar a Seu lado, sermos todos Um, como Ele e o Pai são Um.

E não é fácil. Inúmeras vezes sentimos que não somos capazes, que o receio se instala em nós. Mas é exactamente por isso que teimamos em prosseguir, os nossos espíritos jovens jamais se cansam de o procurar. Apesar de outros «atalhos» se apresentarem mais fáceis e doces, sabemos que Cristo é a Meta Universal que buscamos (e que todos buscam, consciente ou inconscientemente).

Amor Cristo não é um desejo sem consequências. O Nazareno que comove e encanta, que apaixonava e dá ganas de seguir, é um companheiro exigente, ao qual urge o jovem entregar-se sem reservas, numa atitude generosa, mas responsável e comprometida.

Por isso, do bando inquieto e dividido que éramos, formámos um exército sério e resistente, capaz de testemunhar ao outro (o irmão eternamente necessitado de Deus) a nossa alegria de viver, alicerçada no «novo Cristo», que é Pão, Partilha e Presença.

Conscientes das nossas limitações e pobreza, mas sobretudo desse Deus que Se faz homem, habita entre nós, morre e ressuscita, num acto extremo de amor, ainda hoje e em cada dia, forçoso é que fique uma vontade de mudança e de transmissão da Boa-Nova a todos os homens, em todos os actos da vida.

Cristo vive! É urgente dá-Lo a conhecer!

ANA BRETÃO

Acolhimento aos peregrinos em Almagreira

Nos dias 10 e 11 de Agosto foram acolhidos pelos Cruzados de Fátima no posto de Almagreira, diocese de Coimbra, cerca de 500 peregrinos. Além dos tratamentos necessários, foi-lhes servida sopa e proporcionada dormida e banho. O posto esteve aberto desde as 9.30 do dia 10 até às 23.30, sem interrupção, e das 9 às 12.30 do dia 11. Esteve no posto a tempo inteiro uma enfermeira que é vogal paroquial dos doentes. Parte do material foi comprado pelo Movimento dos Cruzados de Fátima da paróquia.

Foram 2 dias de trabalho intenso mas maravilhoso. É consolador ouvir os peregrinos!

Maria S. Verdasca

Um obrigado

Agradecemos a todos quantos no mês de Agosto acolheram os peregrinos ao longo dos caminhos de Fátima, nomeadamente a Ordem de Malta, OCADAP, Cruz Vermelha e Movimento dos Cruzados de Fátima. Sabemos que pessoas particulares receberam e trataram gratuitamente os peregrinos. Para elas também um obrigado.

O posto dos Olivais do Movimento — Diocese de Leiria-Fátima, por estar num ponto estratégico teve muitíssimo movimento.

Continuemos a empenhar-nos por esta pastoral de relevante importância.

S. Tomé e Príncipe

O Centro de Nossa Senhora Peregrina, onde será construído um santuário, agradece a união do Movimento dos Cruzados de Fátima e a oferta de 100 terços e pagelas que lhe foram enviadas.

Segundo nos relata a Irmã Matilde Ribeiro, FHIC, numa capelhinha improvisada, ali se reza o terço todos os dias.

PEREGRINAÇÃO A PÉ

Uma área apostólica a aprofundar

A peregrinação a pé é já um hábito que atinge um grande número de peregrinos, sobretudo nas grandes peregrinações ao Santuário de Fátima.

Aqui publicamos um conjunto de perguntas sobre este tema com as respectivas respostas do P. Manuel Antunes, responsável do Santuário para coordenação do serviço de assistência aos peregrinos a pé.

— Qual a sua opinião acerca deste caminhar a pé, durante vários dias?

— Penso que é sequência duma vivência que vem desde o Antigo Testamento. Como sabe, o povo hebreu era por natureza um povo peregrino. Tinham os seus santuários, alguns até de iniciativa de Deus. Mais tarde surgiu o grande templo de Jerusalém mandado construir por Salomão, tornando-se o grande centro de peregrinações. Jesus e Maria fizeram-se várias vezes peregrinos deste santuário.

Os Profetas, de quando em vez, promoviam peregrinações de louvor, de reparação e petição a alguns santuários. Alguns salmos acentuam muito este espírito de peregrinações.

Este tema levar-nos-ia longe se o quiséssemos tratar com profundidade.

Pertence à Igreja em geral e ao Movimento dos Cruzados de Fátima, de instituição dos nossos bispos, dar doutrina e fazer pastoral neste sector.

— Acha que nestes últimos anos têm diminuído os peregrinos a pé?

— Não. Até pelo contrário, verifica-

-se um aumento, sobretudo em qualidade.

— Que entende por qualidade?

— Diz-se por aí que esta gente é subdesenvolvida. Nesta gente que vem a pé encontram-se pessoas com cursos universitários, muitos jovens estudantes e pessoas de certo nível social, embora uma grande parte seja de zonas rurais.

— Qual o motivo por que vão a Fátima estes peregrinos?

— Vários: uns porque sentem obrigação de agradecer a Nossa Senhora alguma graça recebida. Outros por razões diversas, pedir a Nossa Senhora a cura de algum familiar, a consolidação e harmonia para lares em perigo de se desfazerem, reparar os pecados que se fazem em Portugal, etc..

Em Maio apareceu-nos um grupo de 25 jovens que iam pedir a Nossa Senhora que iluminasse os responsáveis do Governo e dos Meios de Comunicação Social a fim de resolverem certos assuntos sérios e escandalosos que se estão a passar no ensino, onde alguns professores se servem da sua cátedra para impingir ideologias ateístas aos seus alunos e certas insinuações contra os princípios duma sã moral. Manifestaram acentuado repúdio pelo que se está a passar e ao verificarem que o futuro dos seus colegas está a comprometer-se com tudo isto. Vieram a Fátima em caminhada de 4 dias,

com um programa rico e exigente para toda a peregrinação.

— Nota algum tipo de superstição nos peregrinos?

— Nalguns, sim. Fruto duma ignorância que necessita duma catequese adequada, a começar nas paróquias.

Há pessoas que fazem um conceito de Deus e de Nossa Senhora um tanto deformado, fazendo a peregrinação mais pelo medo do que pelo amor. Nossa Senhora certamente aproveitará estas migalhas, e muitos, no Santuário, decidem mudar de vida. Outros nem sequer cumprem os seus deveres religiosos nas suas terras, mas estes são os menos. A maior parte vêm com fé e amor a Maria e desejosos de voltar noutros anos. A Igreja terá de repensar muito neste sector e o Movimento dos Cruzados de Fátima a nível diocesano e paroquial tem grande responsabilidade e uma missão a realizar, conforme orientações dadas nos conselhos e encontros diocesanos.

Há dioceses que estão já com um trabalho edificante, nalgumas não se sabe o que se passa.

Se foi confiada ao Movimento a ordenação deste serviço, há que congregar forças e responder às orientações que de há um tempo a esta parte se têm dado com insistência.

As paróquias donde partem e passam peregrinos necessitam de se abrir ao problema e dar-lhe resposta adequada e a tempo.

AOS PEREGRINOS A PÉ

ALGUNS CONSELHOS

Os peregrinos que se propõem caminhar a pé até ao Santuário de Fátima deverão ter em conta os seguintes conselhos:

Nunca decidir peregrinar a pé em caso de saúde duvidosa. Se houver receio de não aguentar a viagem, consultar, se necessário e por exigência de consciência, um bom médico. Pessoas em estado de convalescência, após alguma operação, não devem peregrinar.

Os que fizerem o caminho a pão e água deverão atender a situações que possam surgir, tais como baixas de tensão, etc.. Se tiverem necessidade de tomar leite ou mesmo uma refeição, devem fazê-lo sem receio de quebrar a promessa.

Os que prometam não falar durante a viagem, sempre que haja necessidade de falar com o médico por razões de saúde ou com o sacerdote para se reconciliar ou pedir algum conselho, façam-no, pois não comprometem a promessa.

Nunca se tragam crianças ao colo ou em carrinhos, porque isso pode-lhes ocasionar alguma doença; se tiver alguma dúvida, consulte um sacerdote. Nossa Senhora é Mãe e não justiceira e não quer que prejudiquemos a nossa saúde e a dos outros.

As promessas de rastos não se devem cumprir; nestes casos, fale com um sacerdote, se assim o entender.

Durante a viagem mantenha-se e viva-se o espírito de peregrino, rezando, cantando, etc..

Vestir-se com dignidade.

Não caminhar mais de 20 a 30 quilómetros no primeiro dia e mais de 40 nos dias seguintes, pois isto facilita a peregrinação.

Ter cuidado com as carteiras e valores.

Preparar bem a peregrinação.

Sempre que haja necessidade de alguma informação, dirigir-se ao Secretariado Nacional do Movimento dos Cruzados de Fátima/Santuário de Fátima / 2496 FÁTIMA CODEX.